

A CONSTRUÇÃO DE REFERENTES EM TEXTOS VERBO-VISUAIS: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Silvana Maria Calixto de LIMA¹⁷

Resumo: Neste trabalho, investigamos as estratégias de referenciação utilizadas na construção de referentes em textos verbo-visuais, partindo da hipótese da homologação e evocação de referentes via semiose imagética. Para tanto, analisamos quatro exemplares de textos verbo-visuais, conforme os seguintes passos: i) identificação dos referentes tematizados e descrição dos processos referenciais envolvidos na construção desses referentes; ii) análise do papel das semioses verbal e imagética no processo de referenciação. Os resultados da análise são sugestivos para a validação da hipótese assumida, constatando-se que o processo de recategorização é uma estratégia de referenciação bastante produtiva para a construção de referentes em textos verbo-visuais.

Palavras-chave: Sociocognição. Referenciação. Multimodalidade.

Abstract: *In this paper, we investigate the referenciation strategies used for elaborating referents in verbal-imagistic texts. We start from the assumption that speech referents can also be approved and evoked via imagery semiosis. This way, we analyze a sample composed by four verbal-imagistic texts, according to the following steps: i) identification of thematized referents and description of referential processes involved in the construction of these referents; ii) analysis of the role of verbal and imagery semiosis in the referenciation process. The analysis results are suggestive for the validation of the assumed hypothesis, noting that recategorization process is a very productive strategy for building referents in verbal-imagistic texts.*

Keywords: *Sociocognition. Referentiation. Multimodality.*

¹⁷ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Bolsista do PNPd/CAPES-UFC. Teresina, Piauí, Brasil. scalixto2003@yahoo.com.br.

Introdução

No quadro da perspectiva sociocognitiva (SALOMÃO, 1999; KOCH; CUNHA-LIMA, 2006), assumida por um considerável número de pesquisadores filiados à área da Linguística de Texto (doravante LT), emerge a abordagem da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 1995), a qual tem servido de lastro para estudos que têm permitido avanços significativos em termos da descrição do processo de construção de sentidos do texto. Tal abordagem volta-se para a compreensão da atividade da referência não como um espelhamento dos objetos do mundo, como preconiza a visão clássica, mas como um processo dinâmico que envolve aspectos linguísticos e cognitivos que não estão dissociados do mundo (re)construído pelos sujeitos em interação no curso das práticas discursivas. A referenciação é, portanto, uma atividade de reelaboração do real que resulta de um trabalho sociocognitivo, como bem afirma Custódio Filho (2011).

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é investigar as estratégias de referenciação utilizadas na construção de referentes em textos verbo-visuais, tendo em vista que há muito ainda o que se explorar nesse terreno, uma vez que o foco dos estudos da referenciação por muito tempo esteve voltado para os textos verbais. De fato, um dos grandes desafios da LT, na atualidade, tem sido a extensão de suas categorias de análise de forma a abarcar também a construção de sentidos de textos que mesclam mais de uma semiose em sua constituição. É inegável a grande circulação dessa modalidade textual nas esferas comunicativas do cotidiano, principalmente com o advento da internet e suas redes sociais, o que configura um campo fértil para a pesquisa.

Nessa empreitada, partimos da hipótese da homologação e evocação de referentes via semiose imagética, a qual emerge da consolidação de uma perspectiva mais ampla da referenciação a partir do posicionamento por nós assumido de que a concepção de referente não está atrelada à condição de uma necessária materialidade por meio de uma expressão referencial. Para tanto, analisamos uma amostra constituída por quatro exemplares de textos verbo-visuais coletados de sites da internet, tendo como passos basilares os seguintes: i) identificação dos referentes tematizados e descrição dos processos referenciais envolvidos na construção desses referentes; ii) análise do papel das semioses verbal e imagética no processo de referenciação e conseqüente construção de sentidos dos textos constituintes da amostra de investigação.

Em termos estruturais, dividimos o artigo em duas grandes partes. A primeira diz respeito aos fundamentos teóricos que dão base à proposta de análise empreendida, os quais compreendem, dentre outros, os estudos de Mondada e Dubois (1995), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Lima (2009), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Cavalcante (2012), Custódio Filho (2011), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Lima e Cavalcante (2015). Nesse primeiro momento, partimos da apresentação da concepção sociocognitiva de texto, assumida neste trabalho, para chegarmos à perspectiva da referenciação e seus desdobramentos no que concerne ao tratamento dos textos verbo-visuais. Na segunda parte, apresentamos a análise propriamente dita dos textos verbo-visuais que constituem a amostra de investigação, seguida das considerações finais e das referências.

A concepção sociocognitiva de texto

Koch (2004) apresenta um quadro evolutivo da trajetória da LT quanto à concepção de seu objeto de estudo, ou seja, o texto. Numa escala ascendente, a concepção desse objeto evolui de uma base gramatical para uma base sociocognitiva-interacionista, esta última que tem sido basilar para uma parte significativa dos estudos desenvolvidos na contemporaneidade pela referida área.

O que significa, então, para a LT assumir critérios de natureza sociocognitiva¹⁸ na concepção de seu objeto de estudo? Uma resposta a essa questão demanda inicialmente a exposição dos pressupostos que dão fôlego a essa abordagem, sendo necessário antes que se exponha minimamente o caminho percorrido para a sua estabilização no âmbito desse campo de investigação.

Assim sendo, é fato que a LT, desde a década de 1980, fazendo jus à sua natureza interdisciplinar, já mantém um diálogo bastante produtivo com a área de estudo da cognição, o que lhe possibilitou avanços significativos para uma descrição mais substancial de seu objeto de estudo. A esse respeito, Koch (2004) relata que, a partir da referida década, ocorreu, na trajetória da LT, a chamada *virada cognitivista*. A obra, de Beaugrande e Dressler, *Introduction to Text Linguistics*, lançada em 1981, representa um dos marcos dessa fase. Nela, os autores, convictos de que o texto é “um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação”

¹⁸ Optamos por abreviar a nomenclatura usada em Koch (2004), pelo entendimento de que a interação já é uma parte essencial da cognição, posição também assumida pela autora em trabalhos posteriores.

(BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p. 74), advogam por uma abordagem procedural do texto em que passam a ter lugar, dentre outras, as operações de ordem cognitiva envolvidas na sua produção e recepção. Segundo eles, cabe à LT desenvolver modelos procedurais capazes de refletir “as operações responsáveis pela forma como os textos são criados e utilizados” (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p. 85). Podemos dizer que, a partir dessa fase, os aspectos cognitivos se veem chamados com maior força a compor o quadro da LT, porque se tornam pressupostos na descrição do processamento textual, viabilizado por diferentes estratégias.

Apesar desse salto para uma concepção de texto de base cognitivista, é somente numa fase posterior que a LT, acompanhando a evolução das Ciências Cognitivas para uma visão de mente corpórea, perfila uma concepção de texto mais abrangente, em que, além dos aspectos cognitivos, procura conjugar, à construção do significado linguístico, aspectos sociais e culturais. Referimo-nos à concepção de texto de base sociocognitiva de que estamos tratando neste item.

De forma mais pontual, recorreremos a Custódio Filho (2011) no intuito de prover uma descrição mais objetiva dessa concepção de texto a qual nos filiamos.

Temos, então, que o caráter do texto, no estágio atual dos estudos em LT, fala em favor de um objeto funcional, dinâmico, multifacetado, resultante de uma atividade linguístico-sociocognitiva orientada por parâmetros discursivos. A partir dos usos em interação, as propostas explicativas são construídas, as incompletudes são sinalizadas e as novas configurações teóricas são solicitadas. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 62)

Compreendemos que a definição de Custódio Filho (2011) pode encontrar reforço na afirmação de Salomão (1999, p. 67) – que muito bem descreve a hipótese sociocognitivista da linguagem –, de que “as significações resultam do trabalho local da interpretação, guiada pelo sinal linguístico e pelos outros sinais que o refinam e complementam”. Na verdade, a linguagem guia o sentido, conforme adverte Fauconnier ([1985] 1994), ficando patente a compreensão de que se deve “postular a linguagem como operadora da conceptualização socialmente localizada através de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais a serem sancionadas no fluxo interativo” (SALOMÃO, 1999, p. 64).

Fica claro, portanto, que a concepção de texto não pode estar restrita à sua materialidade como um artefato estático, considerando todos os aspectos que estão envolvidos na construção dos seus sentidos. Como podemos depreender da afirmação de Fauconnier ([1985] 1994) e

Salomão (1999), a materialidade textual é apenas um dos sinais que guia a significação nesse processo. A ela se somam outros que, por simplificação, podemos dizer que estão no entorno sociocognitivo do texto, envolvendo a integração de todos os elementos citados por Salomão (1999) na configuração da hipótese sociocognitiva da linguagem, conforme aprofundaremos no prolongamento deste estudo.

O pensamento de Cavalcante (2011b) também reforça essa assertiva:

O texto não representa a materialidade do cotexto, nem é somente o conjunto de elementos que se organizam numa superfície material suportada pelo discurso; o texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciador, sentido/referência e coenunciador, num dado contexto sociocultural. Por isso está inevitavelmente atrelado a uma enunciação discursiva. (CAVALCANTE, 2011b, p. 17).

Nos termos apresentados, compreendemos que a concepção sociocognitiva do texto não se sustenta pela clássica dicotomia cotexto/contexto, uma vez que todos os elementos presentes na configuração textual, sejam eles materializados ou inferidos, estão imbricados numa composição que não permite traçar uma linha divisória tão exata entre o que é interno e externo ao texto. Ademais, já é consensual na LT que “o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação” (KOCH, 2004, p. 32), sendo esse também mais um argumento válido contra a rigidez promovida por tal dicotomia.

Como, então, tratar dessa composição nessa perspectiva? Retomando a fala de Custódio Filho (2011, p. 62), se concebemos o texto como “um objeto funcional, dinâmico, multifacetado, resultante de uma atividade linguístico-sociocognitiva orientada por parâmetros discursivos”, não é difícil encontrar uma resposta satisfatória para tal indagação. A princípio, temos que toda manifestação textual é gestada num ato de interação mediado pela linguagem (verbal ou não verbal). A demarcação entre o que é interno e externo a esse processo vai de encontro à própria natureza dinâmica do texto.

Por essa razão, dizer do entorno sociocognitivo do texto parece ser uma orientação mais razoável, considerando que esse entorno pode recobrir tanto os elementos que estão materializados na superfície textual quanto aqueles que são inferidos a partir dessa materialidade pela ancoragem em modelos cognitivos/culturais¹⁹, naturalmente evocados pelos interlocutores no curso das práticas discursivas. É fato que todo esse processo também fica na

¹⁹ Remetemos ao trabalho de Lima (2009) para um maior detalhamento desses modelos.

dependência da (re)ativação dos sistemas de conhecimento partilhados²⁰ pelos interlocutores na atividade discursiva. Desse modo, o rótulo entorno sociocognitivo parece-nos ser mais útil para dar conta dessa visão processual do texto em que igualmente se conjugam elementos de ordem linguística, cognitiva, social e discursiva, sem que se necessite de uma fronteira demarcatória entre esses componentes.

Em face do delineamento da concepção de texto de base sociocognitiva, não é difícil ver que esta traz em seu bojo um maior poder descritivo para dar conta das novas configurações textuais que emergem no cotidiano por força das interações nas redes sociais. É esse o caso da amostra analisada neste trabalho. De igual modo, isso se aplica a qualquer uma das mais diversificadas manifestações textuais, sejam elas verbais ou não verbais.

Considerando o estatuto sociocognitivo do texto aqui assumido, passemos ao trato do fenômeno da referenciação que, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), desponta como um dos mecanismos mais eficazes para explicitar essa tendência.

A perspectiva da referenciação e seus desdobramentos

Com base em Koch (2004) e Cavalcante (2011a), a referenciação pode ser definida sumariamente como uma atividade textual-discursiva de construção e reconstrução de referentes ou objetos de discurso, sendo esta fundamental para a recuperação da coerência textual. É preciso enfatizar também que “o ato de referir é sempre uma ação conjunta” (CAVALCANTE, 2011b). Decerto, a partir do estudo pioneiro de Mondada e Dubois (1995) sobre essa matéria, muitas considerações poderiam ser feitas em termos de seus fundamentos que questionam a visão clássica da referência, mas vamos aqui nos eximir dessa tarefa para não perder o foco do objetivo delineado para este estudo. Porém, tal posicionamento não significa uma abordagem rasa. Apenas vamos nos limitar a fazer um recorte de aspectos desse processo que julgamos relevantes para levar a cabo o propósito de investigar a construção de referentes em textos verbo-visuais.

Encontramos em Cavalcante (2012) um caminho viável para tal fim. A autora aponta três características básicas da atividade de referenciação: i) elaboração da realidade; ii)

²⁰ Segundo Koch (2004, p. 22), “Heinemann e Viehweger (1991) postulam que, para o processamento textual, concorrem quatro grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico, o interacional e o referente a modelos textuais globais”.

negociação entre interlocutores e iii) trabalho sociocognitivo. Essas características permitem que esse fenômeno seja assim globalmente definido:

O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção dos sentido(s). (CAVALCANTE, 2012, p. 113).

Assim compreendido o processo de referenciação, é importante ainda focalizar a concepção de referentes ou objetos de discurso como “entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio da interação (MONDADA, 2001, p. 34), daí que os referentes não podem ser confundidos com as próprias expressões referenciais que podem lhes homologar na dinâmica discursiva. Desse modo, referente e expressão referencial são conceitos relacionados, porém distintos. E isso precisa ficar claro para que seja viabilizada a hipótese assumida de que os referentes podem ser homologados e evocados também pela semiose imagética.

Não obstante, via de regra, os referentes e suas recategorizações ao longo da progressão textual são homologados por expressões referenciais. Porém, essa regra não se mostra como categórica, pois há muitas situações em que tanto os referentes, quanto às suas recategorizações, podem ser inferidos, mas não confirmados lexicalmente, a partir de pistas sinalizadas pelo entorno sociocognitivo do texto, conforme demonstramos na seção de análise deste trabalho.

Nesse contexto, emerge também a hipótese assumida neste estudo de que os objetos de discurso podem ser homologados e evocados via semiose imagética, o que representa um desdobramento importante na aplicação dos pressupostos da referenciação, já assumido por Ramos (2007), Custódio Filho (2011), Capistrano Júnior (2011) e Lima e Cavalcante (2015), só para citar alguns. Aliás, Mondada (2005) já sinaliza para tal extensão quando, ao analisar a construção interativa da referência durante um procedimento cirúrgico, admite que a sua manifestação não está condicionada às práticas da linguagem verbal, mas pode envolver também outras práticas tais como o gesto e a direção do olhar. Daí a afirmação da autora de que essas práticas interativas diversas, necessariamente,

obrigam a Linguística a não se limitar a dar conta de atividades dos interlocutores que seriam exclusivamente verbais e, assim, relegar os outros processos ao domínio da cognição. Elas obrigam, ao contrário, a levar em consideração as situações – numerosas – em que a palavra está imbricada na ação não-verbal, na materialidade do contexto e na manipulação de objetos.

Isto nos parece fundamental para uma reflexão sobre a produção da referência – que se faz por meio de práticas sociais multimodais e não somente linguísticas. (MONDADA, 2005, p. 15-16).

Como vimos defendendo, urge que se volte o olhar para o trato do fenômeno da referenciação na construção de textos que mesclam mais de uma semiose na sua constituição, aqui, mais especificamente, os verbos-visuais. Aprofundamos essa questão no tópico seguinte.

Referenciação e multimodalidade

Embora compreendamos que todo texto se constitui de recursos multimodais, inclusive aqueles materializados por meio da linguagem verbal (oral e escrita), como enfatiza Dionísio (2011), o que aqui estamos tratando como texto multimodal diz respeito às manifestações discursivas que, de forma interdependente, mesclam mais de uma semiose em sua constituição, conforme definem Kress e van Leeuwen (2001). Para os autores, a linguagem verbal é apenas um dos modos semióticos disponíveis para a comunicação. Além dela, outros modos semióticos como a imagem, a cor, o som e o gesto, têm potencial para servir à comunicação e à representação. Particularmente, vamos nos deter na análise de textos verbo-visuais (ou verbo-imagéticos), considerando que os gêneros analisados, neste trabalho, apresentam em sua composição material esses dois modos semióticos.

Demarcado o terreno da multimodalidade em que estamos operando, passemos a um breve relato do estado da arte no que concerne à temática da referenciação e multimodalidade desenvolvida nesta seção. A nosso ver, Custódio Filho (2011) é o primeiro a tratar dessa questão de forma mais propositiva, quando, dentre outros pontos, questiona o verbocentrismo da LT no trato de seu objeto de estudo e argumenta pela necessidade de novas configurações teóricas para abarcar também os textos multimodais. Particularmente no que tange à referenciação, o autor oferece relevantes contribuições que resultam da análise da construção de referentes em textos verbo-áudio-visuais, inaugurando, por assim dizer, um trabalho mais sistemático com esse tipo de texto no âmbito das pesquisas brasileiras sob o lastro da referenciação. Dessas contribuições, interessa-nos mais de perto a categoria da *recategorização sem menção referencial*, que se alinha perfeitamente com a visão sociocognitiva de texto também assumida pelo autor, bem como a hipótese levantada neste estudo.

É fato que os referentes instaurados numa dada configuração discursiva podem sofrer constantes transformações ou remodulações motivadas pelos propósitos comunicativos dos

interlocutores envolvidos na interação. Essa estratégia, designada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) como recategorização, promove a progressão referencial, sendo, o mais das vezes, concretizada pelos mecanismos referenciais da anáfora direta e da anáfora indireta. Entretanto, pode ocorrer também ancorada nas estruturas e no funcionamento cognitivo, conforme Lima e Feltes (2013), isto é, sem a dependência de sua homologação por uma expressão referencial, da forma como Custódio Filho (2011) originalmente concebeu a categoria da *recategorização sem menção referencial*.

Em Lima e Cavalcante (2015), porém, optamos por rotular tal categoria como *recategorização sem menção de expressão referencial*, porque, assim, como veremos adiante, ela passa a recobrir tanto os textos verbais quanto os verbo-visuais. Para um melhor detalhamento dessa posição, retomamos um exemplo de texto verbo-visual apresentado por nós no referido trabalho.

(1)



(Disponível em: <https://www.facebook.com/ConselhosDaMaePretaa?fref=ts>. Acesso em: 13 mar. 2015. Citado por LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 311.)

Em (1), uma postagem *meme* do Facebook, identificamos dez ocorrências do processo de recategorização desencadeadas a partir da definição do referente *Congresso Brasileiro*, introduzido verbalmente e também homologado pela semiose imagética. Num plano mais explícito, porque o processo é (re)construído a partir de pistas manifestas na materialidade textual, temos a recategorização desse referente, na mesma ordem das definições apresentadas no texto, como *um zoológico*, *um presídio*, *um circo*, *uma zona (puteiro)* e *um vaso sanitário*. Num plano menos explícito ou mais inferencial, porque ancoradas nos *frames* evocados a partir das definições do referente *Congresso Brasileiro*, identificamos as outras cinco recategorizações assim descritas:

Temos, assim, por um processo metonímico de PARTE PELO TODO, em que os políticos são tomados pelo Congresso Brasileiro, as seguintes recategorizações: 1. a de políticos brasileiros como animais irracionais; 2. a de políticos brasileiros como ladrões; 3. a de políticos brasileiros como palhaços; 4. a de políticos brasileiros como prostitutas; 5. a de políticos brasileiros como excrementos. (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 312)

Por ocasião da análise desse exemplo em Lima e Cavalcante (2015), defendemos que o segundo grupo de recategorizações fosse abrigado sob o rótulo de *recategorização sem menção de expressão referencial*, compreendido este como adequado para dar conta dos casos de recategorização em que “nem o referente nem a sua recategorização são homologados na superfície textual, mas ambos os elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos

cognitivos evocados pelas pistas textuais” (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 312). Assim, confirma-se o postulado por nós assumido naquele e neste artigo de que a construção de referentes não está condicionada por sua homologação via expressão referencial e, ao mesmo tempo, o processo de recategorização também não está condicionado por um grau de explicitude absoluta.

Entendemos, portanto, que esse reenquadramento da categoria erigida por Custódio Filho (2011) pode ser uma estratégia produtiva, em termos descritivos, para o trato da construção referencial em textos verbo-visuais. Entretanto, há um outro ponto que se faz crucial nessa dimensão: a hipótese de que os referentes podem ser homologados e evocados por meio da semiose imagética, assumida neste trabalho, que, como veremos na seção seguinte, se desdobra também para o alcance do processo de recategorização.

Nessa conjuntura, não podemos deixar de referir ainda outros trabalhos que já se alinham com essa hipótese, embora com um foco diferenciado do objetivo traçado para este estudo, a exemplo de Ramos (2007), Capistrano Júnior (2011) e Lima (2013). Assim, temos por certo que já há um esforço conjunto dos pesquisadores da LT no sentido de tornar mais estreitos os laços entre a perspectiva da referenciação e a multimodalidade.

No próximo item, apresentamos uma amostra de como essa relação pode ser concretizada de forma mais sistemática em prol da construção dos sentidos do texto.

A construção de referentes em textos verbo-visuais

Nesta seção, apresentamos a análise de quatro textos verbo-visuais pertencentes aos gêneros charge e postagem *meme*. Lembramos que o nosso objetivo é descrever a forma como se dá a construção dos referentes tematizados nos respectivos textos, partindo da hipótese de que estes também podem ser homologados e evocados pela semiose imagética. Assim, cumprimos o nosso intuito de investigar o processo de referenciação para além das fronteiras do verbal, tendo em vista o entendimento de que, em textos verbo-visuais, a construção de sentidos é viabilizada pela conjunção de elementos de ambas as semioses, havendo uma espécie de interdependência entre as duas linguagens que precisa ser considerada.

Iniciemos pela análise da charge seguinte produzida por ocasião do Dia de Finados, cuja celebração no calendário católico é feita no dia 2 de novembro. O cenário motivador da produção da charge é a crise político-econômica instalada no governo brasileiro no ano de 2015.

(2)



Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=charges+dia+de+finadosetbm=ischetbo=uesource=univesa=/>. Acesso em 03/11/2015.

Observamos que a charge do exemplo (2) conjuga elementos das linguagens verbal e imagética para fazer uma crítica oportuna à difícil situação de governabilidade por que passa o Brasil no ano de 2015. O cenário de um cemitério convencional pode ser visto como o pano de fundo desse texto verbo-visual, o que colabora para a construção de seus sentidos principalmente pela evocação de um referente que não é homologado textualmente, ou seja, o *governo brasileiro*, mas que pode ser reconstruído pelo conjunto de pistas textuais, sejam elas verbais ou imagéticas, presentes no entorno sociocognitivo do texto.

Nesse conjunto, os referentes *ética*, *educação*, *segurança* e *saúde* são simultaneamente homologados por expressões referenciais e recategorizados imageticamente como *sepulturas*. Note-se que esses referentes também podem ser tomados metonimicamente pelo referente *Governo brasileiro*, numa relação de parte pelo todo. Num enquadre global da charge, há uma segunda recategorização desses mesmos referentes como *finados*, configurando de forma mais contundente o efeito irônico por ela promovido, tanto é que essa expressão referencial recategorizadora aparece numa posição de saliência maior expressa pelo tamanho, forma e cor de seus caracteres.

É importante dizer que tal descrição, assim como as demais que procederemos na sequência, só se sustenta se tomarmos a construção de sentidos do texto de uma perspectiva não

necessariamente linear, como vimos sustentando também em outros trabalhos como Lima (2009) e Lima e Cavalcante (2015). Não faz sentido, por exemplo, rotular a expressão “finados” como uma introdução referencial simplesmente pelo fato de que aparece numa posição de destaque semelhante a um título. Entendemos que o leitor possa até visualizar primeiro essa expressão, pela sua posição de saliência. Entretanto, ele só reconstruirá o seu sentido quando passar por todo o texto e compreender a sua função recategorizadora. Tal função é construída pela mobilização de todas as pistas que citamos inicialmente.

Cumpramos ressaltar mais uma vez a importância de se compreender a construção de referentes não apenas atrelada à materialidade linguística ou imagética, como é o caso dos referentes *Governo brasileiro e Brasil*. O processo de referenciação como uma atividade sociocognitiva permite que mobilizemos, a partir das pistas textuais que podem evocar modelos cognitivos, uma gama de outros referentes que não são explicitados textualmente, mas que também podem colaborar para a construção de outras inferências essenciais para a construção de sentidos do texto. Da charge em análise, cuja configuração vimos que evoca um *frame* de cemitério, podemos inferir mais duas outras ocorrências do processo de recategorização. Dessa feita, a materialização dessas ocorrências só é possível pela sua ancoragem em modelos cognitivos, constituindo o que designamos em Lima e Cavalcante (2015) como recategorizações sem menção de uma expressão referencial. Assim, temos a recategorização metafórica do referente *Governo brasileiro* como um *defunto enterrado*, numa clara alusão à falência das instituições que o compõem. Pelo mesmo processo, podemos inferir a construção do referente *morte* e a sua conseqüente recategorização metafórica como *escuridão*, iniciada pelo *frame* CEMITÉRIO e pelas cores cinza, marrom e preto predominantes na composição do texto. Essa última recategorização traz em seu bojo a inferência de que o Brasil está sem luz para resolver os seus problemas e, por isso mesmo, está morto e enterrado, razão pela qual vivenciamos um processo de luto que é exaltado pelo chargista por ocasião da passagem do Dia de Finados.

A próxima charge também tematiza esse “enterro” do governo brasileiro.

(3)



Disponível em <http://www.chargeonline.com.br/>. Jornal o Popular. Acesso em 03/11/2015.

A charge do exemplo (3) tem novamente como foco o referente *Governo brasileiro*, introduzido verbo-imageticamente pela logomarca adotada no atual governo da presidente Dilma Rousseff. Mas, dessa feita, esse referente vem recategorizado de forma mais explícita como *um defunto enterrado*, como se pode ver pela imagem de uma sepultura que aparece em posição saliente na charge, em cuja lápide se encontra a referida logomarca que representa o referente em evidência.

Da mesma forma que no exemplo (2), o conjunto de elementos verbais e imagéticos propicia a evocação do *frame* de um cemitério, que é fundamental para a ancoragem dessa e de outra recategorização importante para a construção de sentidos do texto. Trata-se da recategorização do referente *governo brasileiro* como *um dos finados do ano de 2015*, explicitada verbalmente e confirmada pelo cenário do cemitério. A cena do cemitério representada à noite, pela presença dos referentes imagéticos *nuvens negras* e *lua* também pode evocar o referente *morte* recategorizado como *escuridão*, se tomarmos um nível mais complexo de construção de inferências que subjazem à construção dos sentidos da charge. Assim, podemos inferir o mesmo sentido da charge do exemplo (2), em que a morte do referente *governo brasileiro* é uma metáfora da situação nebulosa por que passa o país em meio à crise política e econômica que se instaurou no ano de 2015. Desse modo, a recategorização do

referente *governo brasileiro* como *um cadáver morto e enterrado* novamente engatilha a crítica própria do gênero charge.

Notadamente, todas as inferências sugeridas na análise desses dois primeiros textos verbo-visuais e dos dois outros que apresentamos na sequência estão na dependência do acionamento de uma bagagem sociocognitiva de seus presumidos interlocutores, evocada a partir das pistas verbais e imagéticas que vimos descrevendo. Assim, não se pode trabalhar essas duas semioses de forma desconectada sob pena de não alcançarmos os sentidos dos textos analisados. Além disso, é preciso considerar ainda que o modelo cognitivo/cultural de morte adotado na sociedade ocidental também está na base das recategorizações metafóricas descritas nas duas charges. Nesse modelo, a morte é compreendida como um estágio inevitável da condição humana que via de regra deveria ocorrer apenas pelo envelhecimento do corpo. Porém, a morte do referente *governo brasileiro* significa metaforicamente a sua deterioração pela ambição e falta de escrúpulos de uma parcela significativa de seus dirigentes. É por isso que ambas as charges recategorizam o referente *governo brasileiro* como *um finado*, o que evidencia uma certa falta de crédito num futuro promissor para o país.

O próximo texto verbo-visual consiste numa postagem *meme* viralizada nas redes sociais Facebook e Whatsapp. Lembramos que essa modalidade extual normalmente tem como evento deflagrador situações ou fatos do cotidiano que envolvem comportamentos dignos de críticas, quase sempre bem-humoradas, considerando o seu propósito cômico-irônico.

(4)



Disponível em: <http://www.whatstube.com.br/categoria/imagens- whatsapp/engracadas/page/4/>. Acesso em 03/11/15.

Como podemos notar no exemplo (4), o texto verbo-visual alude a uma situação que requer a evocação do *frame* FOFOCA À MODA ANTIGA, a fim de que se reconstrua o seu efeito de sentido cômico-irônico. Neste, o referente imagético *quatro mulheres idosas* é recategorizado verbalmente como *quatro câmeras de vigilância modelo antigo*. Mais uma vez, é na conjunção das semioses verbal e imagética que o referente tematizado evolui na cadeia textual-discursiva de uma perspectiva reticular. O cenário em que esse referente é instaurado na postagem se revela como característico de um comportamento comum entre as pessoas de mais idade que costumavam se reunir nas praças e calçadas das cidades interioranas, para ver e comentar o movimento dos transeuntes com um certo ar de maledicência. Hoje, com a evolução das tecnologias da informação e comunicação, essa estratégia de bisbilhotar a vida alheia tornou-se obsoleta, sendo incrementada pela rapidez e recursos dos meios digitais via redes sociais. Temos assim, nessa postagem, um contraste entre o velho e o novo em que este último se sobressai.

A intergenericidade com o classificado de jornal presente na constituição da postagem também é um ponto interessante que contribui para construir essa relação descrita. O propósito cômico-irônico da postagem desencadeado pela recategorização do referente tematizado evidencia-se muito mais quando há a oferta de venda pela condição da antiguidade. O processo de recategorização, portanto, é fundamental para o alcance do propósito comunicativo da postagem.

O próximo e último texto verbo-visual a ser analisado é uma postagem *meme* de uma configuração muito mais complexa pelo grau de implicitude das recategorizações que respondem mais diretamente pela construção de seu propósito comunicativo.

(5)



Disponível em: <http://www.whatstube.com.br/categoria/imagens-whatsapp/engracadas/page/4/> Acesso em 10/10/15.

A postagem do exemplo (5) tem em sua base a colagem de duas imagens contíguas que representam a tela de inicialização de aparelhos celulares do tipo *smartphone*. Nessa composição, o papel da linguagem verbal também é fundamental para que se reconstrua os sentidos da referida postagem *meme*. Ou seja, os referentes *[homem] casado* e *[homem] solteiro* são homologados verbalmente ao tempo em que são recategorizados imagetivamente a partir da representação do traçado da senha de acesso a um aparelho celular digital. Assim, a partir da configuração desse traçado de forma menos ou mais complexa, as recategorizações responsáveis pela construção do efeito cômico-irônico da postagem podem ser recuperadas. Nesse contexto, é importante observar que o conjunto de elementos da postagem evoca um *frame* de relacionamento amoroso em que o adultério é praticado pela sociedade machista. Assim, o referente *[homem] casado* é recategorizado imagetivamente como *amante infiel*, inferência que se constrói pelo grau de dificuldade de acesso a sua senha do aparelho celular,

dada a complexidade do traçado. A dificuldade da senha revela que, muito provavelmente, há algo a esconder nesse universo dos homens casados que põe em xeque a sua fidelidade.

Por outro lado, o referente [*homem*] *solteiro* é recategorizado como *amante fiel*, uma vez que, hipoteticamente, não teria nada a esconder, considerando a simplicidade do traçado de sua senha revelada pela imagem da postagem. Essa última recategorização assim se conforma pela oposição que se estabelece na construção da postagem entre *solteiro* e *casado*, conforme apresentado, elemento fundamental para que os sentidos aqui inferidos sejam validados. Assim, essas recategorizações promovem uma ruptura do modelo cognitivo CASAMENTO quanto ao comportamento dos cônjuges. O esperado seria que o referente [*homem*] *casado* fosse recategorizado como *fiel*, e não o contrário, prevalecendo na construção dos sentidos da postagem o modelo cognitivo ADULTÉRIO.

Por fim, ratificamos que as linguagens verbal e imagética são complementares ou interdependentes na construção dessa postagem e dos demais textos já analisados. Cumpre-nos referendar, por oportuno, a importância do entorno sociocognitivo que precisa ser mobilizado para a construção dos sentidos dos quatro textos ora analisados. Nesse entorno, destacamos que todos os elementos evocados estão imbricados numa relação de interdependência que congrega aspectos de ordem semiótica, cognitiva, social e cultural, sempre sinalizados *no e pelo* texto, em conformidade com a concepção sociocognitiva de texto que adotamos neste trabalho. Assim, a separação desses elementos na descrição do processo, da forma como aqui procedemos, se deu necessariamente em benefício da explicação. Compreendemos, portanto, que todos os componentes da dinâmica tessitura do texto convergem sempre para uma unidade de sentido.

Considerações finais

A natureza do textos verbo-visuais demanda outros desdobramentos no que diz respeito à construção dos referentes, considerando a mescla das semioses no processo de construção de sentidos desses textos, conforme vimos na proposta de análise deste artigo. A existência de referentes homologados no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo – mas sempre sinalizados por pistas linguísticas (verbais ou imagéticas) –, bem como a existência de referentes homologados e/ou recategorizados pela semiose imagética, é uma evidência clara desses desdobramentos.

Assim, o tratamento dos textos verbo-visuais exige uma expansão das categorias de análise da LT, particularmente no que tange à atividade de referenciação, a fim de (re)configurá-las para a aplicação em novos contextos que envolvem necessariamente a multimodalidade.

Nessa direção, os resultados da análise empreendida neste estudo põem em relevo o papel do processo de recategorização, homologado nas formas verbal e imagética e/ou ancorado em estruturas cognitivas, para a evolução dos referentes tematizados nos textos, bem como para a construção do efeito cômico-irônico que neles é determinante. Tal fato permite-nos constatar que o processo de recategorização se afigura como uma estratégia de referenciação bastante produtiva para engatilhar a construção de sentidos em textos verbo-visuais.

Referências

APOTHÉLOZ D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Org.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.

BEAUGRANDE, R.-A.; DRESSLER, W. **Introduction to Text Linguistics**. Londres e Nova York: Longman, 1981.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 227-235.

CAVALCANTE, M. M. Leitura, referenciação e coerência. In: ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011a, p. 183-195.

_____. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011b.

_____. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**. Teresina, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 329 f. (Tese de Doutorado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2011.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge, MA: MIT Press, [1985] 1994.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. v.3. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 251-300.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. Londres: Arnold, 2001.
- LIMA, J. S. **O processo de recategorização no gênero charge**: um estudo à luz da perspectiva sociocognitiva. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.
- LIMA, S. M. C. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia**: um estudo de processos de recategorização. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- LIMA, S. M. C.; FELTES, H. P. M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Org.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIMA, S. M. C.; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 295-315, 2015 [www.revel.inf.br].
- MONDADA, L. Gestion du topic et organization de la conversation. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, IEL/UNICAMP, n. 41, p. 7-36, 2001.
- _____. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-31.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. **TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)**, n. 23, p. 273-302, 1995.
- RAMOS, P. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.